

PODCAST É CULTURA? A DIMENSÃO PÚBLICA DO AMOR, COM PASTOR HENRIQUE VIEIRA

Roberto Romero:

Oi gente, estamos de volta! Sejam muito bem vindas e bem vindos ao último episódio da temporada do *É Cultura?* sobre as Fabulações do Amor. Quem estava aqui comigo e com a Dona Onete no episódio anterior sabe que a gente vinha conversando sobre como o amor é um tema quase onipresente nas músicas, nos filmes, nos livros... Mas agora a gente quer pensar no amor não só como algo que a gente sente, ou como um tema que influencia a cultura, mas também como uma ética capaz de pautar as nossas relações e a política também. E tem muita gente hoje, no Brasil e no mundo, que vem pensando sobre isso. Uma dessas pessoas é a historiadora brasileira Silvane Silva, que publicou no site do BDMG Cultural um texto super legal que fala justamente sobre o amor como um antídoto, capaz de promover a transformação social. E a gente trouxe um trechinho do texto na voz da própria Silvane para a gente ouvir aqui:

Silvane Silva:

Nesse momento histórico, no qual mais uma vez os discursos de ódio mobilizam multidões e acionam esse afeto como categoria política, talvez seja oportuno nos lembramos que o amor constrói vínculos, traz confiança, equilíbrio, solidariedade, saúde mental e cura.

Roberto Romero:

E se a gente para pra pensar, essa ética amorosa que a Silvane propõe também está muito presente nos conceitos que deram origem a muitas das religiões que existem no mundo, não é Gabi?

Gabriela Moulin:

Com certeza Robertinho. Inclusive tem várias pesquisas interessantes por aí sobre como a ética amorosa é um tema comum na estrutura de várias religiões do mundo. Seja no cristianismo, no judaísmo, no islamismo, no budismo, no candomblé, é o amor que acaba surgindo como uma proposta comum para a forma como a gente se relaciona com as pessoas e com o mundo, independente das diferenças que existem entre nós.

Roberto Romero:

Pois é, Gabi, mas apesar da ética amorosa ser um tema muito importante na constituição de muitas religiões, a gente sabe que na prática o amor nem sempre é tão presente assim. Quando a gente pensa em crimes de ódio, racismo, homofobia e intolerância que estão infelizmente ainda muito presentes no mundo, a gente percebe que muitas vezes esse ódio é invocado em nome de Deus, né? E isso não é de hoje! A gente tem resquício desse tipo de investida desde pelo menos 1095. Foi nesse ano que tiveram início as Cruzadas, que foram expedições militares organizadas por católicos da Europa Ocidental. Foram quase duzentos anos de luta contra os islâmicos sob o pretexto de reconquistar lugares que eram sagrados para os cristãos, sobretudo na Palestina. Tudo isso ao custo de milhares de vidas. E eu acho que é muito importante a gente se perguntar por que existe essa discrepância toda entre o que as religiões pregam e o que alguns grupos de fiéis praticam. E já que a gente está se propondo a pensar o amor como essa atitude transformadora e universal, a gente vai receber

hoje aqui no *É Cultura?* um dos líderes religiosos brasileiros que mais tem pensado e falado sobre esse assunto na atualidade, o Pastor Henrique Vieira. Chega mais que a conversa vai ser boa. Eu sou o Roberto Romero, antropólogo e apresentador deste podcast.

Gabriela Moulin:

E eu sou a Gabriela Moulin, diretora presidente do BDMG Cultural.

Roberto Romero:

E você está ouvindo o podcast *É Cultura?*

Pastor Henrique, que alegria te receber aqui no podcast! Seja muito bem vindo!

Henrique Vieira:

Eu agradeço o convite. É um prazer estar com vocês aqui para trocar essa ideia.

Roberto Romero:

Pastor, eu gosto de começar as conversas em torno das fabulações do amor com essa palavra mesmo: *amor*. No que exatamente você pensa quando a gente fala em *amor*?

Henrique Vieira:

Bem, eu penso no amor como uma atitude, sobretudo. Uma decisão de vida. Uma forma de vida e uma consciência de vida. Portanto eu penso o amor como algo que se materializa em atitudes que viabilizam a expansão da vida. Que viabilizam que as pessoas possam realizar as suas individualidades. Que viabilizam o ambiente histórico e social de justiça, de igualdade, de liberdade. Em que a humanidade possa ter as possibilidades plenas de desenvolver o seu maior potencial. Tem uma pensadora que eu admiro muito, a bell hooks, e ela fala dessa dimensão ética-política-relacional do amor. O amor é aquilo que na relação entre os seres humanos, possibilita que a gente possa expandir a nossa vida. Que a gente possa potencializar a nossa vida. Portanto eu penso o amor nessa esfera ética-política-relacional, vinculada à atitudes que possibilitam que as pessoas sejam valorizadas e que as pessoas possam desenvolver o maior potencial de suas próprias vidas. Então, na minha relação com você, por exemplo, o amor seria aquilo que possibilitaria o melhor de mim nessa relação, e o melhor de você nessa relação.

Roberto Romero:

Acho maravilhoso você citar a bell hooks. Inclusive eu estava lendo o livro dela *Tudo sobre Amor*, publicado recentemente no Brasil, que é inclusive uma super dica para quem está nos escutando. E eu acho muito interessante essa definição também do amor como algo que se constrói, como um percurso. Ou como você mesmo define em seus livros, um caminho, né? E essa noção de caminho me parece ter uma importância grande na sua prática. A começar pela própria igreja que você ajudou a fundar, chamada justamente Igreja Batista do Caminho. Eu queria que você comentasse um pouco mais a respeito do caminho ou da caminhada como essa possível definição do amor.

Henrique Vieira:

É porque o amor não é um produto, não é uma mercadoria. O amor é um fazer. E como todo fazer, demanda tempo, demanda amadurecimento, demanda perseverança, demanda envolvimento. Então eu gosto de pensar o amor como o percurso da própria vida. Justamente

para tirar o amor desse lugar do espetáculo momentâneo. Do viveram felizes para sempre no final do filme, sabe? Essa romantização do amor. Então amor como caminho tem muito a ver com essa ideia de uma construção ética permanente. Todos os dias acordar e ter decisões relacionadas à defesa da vida, da dignidade humana, da causa dos oprimidos, daqueles e daquelas que sofrem, numa sociedade profundamente injusta, desigual, patriarcal, racista. O amor não é um sentimento acabado, é portanto uma construção ética cotidiana, que exige uma atualização permanente desta decisão como forma de vida. Então todos os dias acordar e decidir eticamente por viver o amor como essa dimensão pública, essa dimensão política, essa dimensão comunitária, essa dimensão coletiva.

Roberto Romero:

Acho interessante você mencionar essa romantização do amor, essa ideia de final feliz, que foi um tema que nós discutimos com as psicólogas Ana Martins e Juliana Soares no primeiro episódio dessa temporada. Mas agora indo um pouco para o próprio evangelho, eu fiquei aqui pensando que a própria trajetória de Jesus Cristo pode ser pensada como uma longa caminhada, né? Jesus foi, sobretudo, um profeta viajante que fez sua vida ao longo das caminhadas e dos encontros. E o amor aparece e atravessa o texto bíblico em vários momentos. É muito conhecida por exemplo aquela frase que está em João, no novo testamento, que diz “Deus é Amor”. E eu queria te perguntar como a gente poderia ler o evangelho e a própria vida de Jesus a partir dessa noção de amor.

Henrique Vieira:

O amor no evangelho é encarnado, é materializado. É histórico, é político. É ético, é emancipador da vida. Mais uma vez, a gente encontra o amor em movimento. O amor em percurso, o amor em decisões éticas. Então ver o evangelho a partir do amor é ver esse amor concreto que se revela em especial e prioritariamente no compromisso de Jesus com os famintos. No compromisso de Jesus com os pobres. No compromisso de Jesus com os miseráveis. No compromisso de Jesus com as pessoas marginalizadas. No compromisso de Jesus com as pessoas moralmente excluídas. Socialmente postas de lado. É interessante pensar que a universalidade do amor não significa alguma coisa abstrata. Neutra. Imparcial diante das injustiças. O amor, na tradição bíblica, está sempre vinculado à quebra de mecanismos de opressão e de injustiça. Então eu vou pegar, por exemplo, o canto de Maria. Quando ela fica sabendo que está gestando a esperança, o salvador, o messias. No canto de Maria, ela diz que “Deus veio despedir de mãos vazias os ricos e encher de bens os mais pobres”. Olha que curioso, tem aí uma conflitividade. Os ricos deixam de ser ricos para que os pobres possam se alimentar. Estou chamando a atenção para esse caráter do amor que é um caráter digamos assim conflitivo. O amor não vem mascarar injustiças. O amor não vem silenciar revoltas. Muitas vezes, pelo contrário. Quando eu olho a vida de Jesus, eu vejo uma posição ética em favor dos oprimidos como base para a experiência do amor. É um amor que nos conscientiza, que nos mobiliza, que nos faz chorar a dor do mundo porque vemos na dor do mundo nosso próprio mundo de dor.

Roberto Romero:

Assim te ouvindo eu fico pensando que o amor não é só um sentimento que a gente experimenta individualmente por uma pessoa, ou por um grupo de pessoas próximas, mas pode ser também uma construção coletiva, né? Que talvez seja o que a bell hooks esteja chamando de uma ética amorosa, concorda?

Henrique Vieira:

Perfeitamente. Eu acho que para além de uma decisão individual, fica uma pergunta para nós: o que é pensar o modelo de sociedade baseado no amor? Então por isso que eu estou insistindo que o amor me leva para além de atitudes individuais, você colocou muito bem, a construções coletivas de ética amorosa. Eu vejo ética amorosa na luta dos sem terra, na busca por reforma agrária. Eu vejo ética amorosa na luta dos sem teto pelo direito à moradia nas cidades. Eu vejo ética amorosa na luta do povo negro, querendo quebrar os grilhões do racismo. Eu vejo ética amorosa na luta dos povos indígenas, querendo demarcar e proteger as suas terras, sua memória e sua cultura. Porque são construções coletivas que estão denunciando realidades sem amor. Realidades que oprimem, que aniquilam, que maltratam, que limitam a potencialidade da vida.

Roberto Romero:

Essa série de lutas que você menciona, como a luta dos indígenas pela terra, me fazem pensar em uma ética amorosa que parece extrapolar os limites do próprio ser humano, também... Seria talvez uma ética com relação aos outros seres, que como a gente conversava na temporada anterior é um dos principais passos para se pensar uma outra forma de relacionamento amoroso com tudo aquilo que a gente reúne sob esse nome de "natureza". No próprio Gênesis, que é o primeiro livro da bíblia, tem essa ideia de que o ser humano foi feito à imagem e semelhança de Deus para dominar as demais espécies, e muita gente ainda propaga essa interpretação que coloca o ser humano acima de todos os demais seres, que é bem perigosa, não é pastor?

Henrique Vieira:

Nossa, perfeitamente. O Gênesis ali não é um chamado para o domínio, é um chamado para a zeladoria. É um chamado para o cuidado. É um chamado para coparticipação na obra criadora de Deus. Quando o ser humano é chamado a dar nome, dar nome a tudo que existe, que é a ideia da metáfora do Gênesis, o ser humano é chamado a participar, com Deus, do cuidado com tudo que existe. Do cuidado com a natureza. Do cuidado com a criação. Eu gosto de pensar que a bíblia começa com o jardim e termina, em apocalipse, com uma cidade atravessada por um rio. Ou seja, a imagem de que a construção humana pode e deve ser associada ao conjunto da natureza. A questão é que o capitalismo é um modelo econômico que divorcia a economia da mãe terra. Portanto, o amor, dentro de uma subjetividade capitalista, vira romance, vira calorzinho, vira casamento, vira família. Família aqui no seu sentido mais privado, não no seu sentido do afeto, da comunhão, da adesão a viver com o outro. Mas quando a gente desprivatiza o sentido do amor, quando a gente resgata o amor como comunhão com tudo que existe, a gente critica inclusive essa característica ocidental de supervalorização do ser humano em abstrato. Me importa valorizar os seres humanos na concretude da vida. E me importa valorizar os seres humanos como parte da natureza.

Roberto Romero:

Sim, isso é mesmo super importante. E voltando talvez um pouco à parte da releitura do próprio evangelho, eu acho muito interessante também essa distinção que você faz entre as noções de espiritualidade e religião. Se eu entendo bem, quando eu ouço você falando, você reivindica um lugar para essa espiritualidade que justamente ultrapassa e antecede os limites

das próprias religiões, das doutrinas, dos templos, né? E há uma tendência a confundir demais uma coisa com a outra. Eu queria te ouvir um pouco mais sobre isso.

Henrique Vieira:

E espiritualidade é tão antiga quanto a humanidade. A espiritualidade é quase intrínseca à experiência humana. A espiritualidade é quase como a arte, é uma expressão humana diante da potência e da fragilidade da vida. Então o ser humano não só vive, o ser humano sabe que vive. E ao saber que vive, o ser humano se dá conta da potência frágil que é a experiência da vida. Eu gosto de uma imagem para expressar essa condição humana: “viver é caminhar à beira do abismo”. É uma fragilidade, nós somos reféns de contingências, de imprevisibilidades, de aleatoriedades bizarras. Fora as injustiças e as violências históricas que nós mesmos, como sociedade, construímos. Mas a vida é marcada por limites impressionantes. A espiritualidade é quando o ser humano se dá conta de que viver é essa experiência potente e frágil. E faz perguntas, e faz buscas, e faz movimentos para preencher a vida de significado. Então a espiritualidade é esse impulso do coração humano na busca pela plenitude da vida. A religião já é uma espécie de organização da espiritualidade, numa liturgia, num código comportamental, numa determinada forma de conceber o mundo e a humanidade. Então a religião em certo sentido é uma força de coesão social. Daí nós podemos ter experiências religiosas que alimentam a espiritualidade, que dão fôlego, que dão espaço para a espiritualidade se desenvolver. E curiosamente, nós podemos ter experiências religiosas que sufocam a espiritualidade, que sequestram o potencial inventivo, criativo e criador e aberto da espiritualidade. Trata-se do extremismo religioso que é uma forma de sufocar a espiritualidade na vivência da religião.

Roberto Romero:

Agora, te ouvindo falar sobre isso, eu me lembro muito do Nego Bispo, um mestre e liderança quilombola do Piauí, que faz uma divisão muito interessante entre o que ele chama de cosmologias monoteístas que creem em um Deus único e as politeístas, que cultuam vários deuses e deusas. E ele compara o monoteísmo com a própria organização da vida, da política, da economia, dos afetos, que seriam os regimes centralizados de poder. Ou seja, até mesmo a monocultura, a monogamia e o próprio colonialismo, para ele, são indissociáveis dessa cosmovisão *mono*. E as religiões cristãs são religiões monoteístas, com um embate histórico em relação às religiões politeístas desde a sua estruturação enquanto religião até os dias de hoje. Diante disso, eu fico curioso para te ouvir sobre esse tema, porque eu sinto que nas suas falas existe um certo esforço em inserir o pluralismo e a multiplicidade na própria cosmovisão monoteísta.

PASTOR HENRIQUE

Dentro da perspectiva monoteísta cristã, Deus não é uno. Aliás, Deus não é binário, o que dá aí vários dispositivos para a gente pensar pluralidade, diversidade, não-binariedade da vida. Na perspectiva monoteísta cristã, Deus é trinitário. Deus é em si plural. Deus é em si diverso. É aquele que ama, o amado e o amor. Se fosse uno, seria de fato um dispositivo para lógicas centralizadoras autoritárias, auto-centradas e supressoras da diversidade. Se fosse binário, seria apenas uma oposição. Um versus o outro. Um diferente do outro. Talvez, um contrário, em oposição, ao outro. Mas olha que interessante, não é uno, totalitário. Não é binário, um versus o outro. Um diferente do outro. Deus é trininitário, tem uma terceira pessoa que abre o ciclo. E ao abrir o ciclo, engloba, inclui, acolhe, diversifica, colore. Portanto, o monoteísmo

critão que eu reivindico é do Deus plural. É do Deus que carrega em si a marca da pluralidade e da diversidade. Não é que de Deus emana a diversidade. Deus é, em si, comunidade. Deus é, em si, deuses. Talvez do ponto de vista da teologia cristã mais ortodoxa, essa minha última frase não seja cabível. Mas eu me permito elaborar para além da ortodoxia. Uma outra dualidade que pode ser quebrada pela perspectiva trinitária é a dualidade homem e mulher. Olha que interessante. Abre espaço para a gente pensar para além daquilo que é construído hegemonicamente como homem e daquilo que é construído hegemonicamente como mulher. Tem papéis, possibilidades, identidades de experiência que estão para além dessas duas formulações. Olha que potente e subversivo o caráter trinitário de Deus.

Roberto Romero:

É muito bonito te ouvir falando sobre isso, pastor! E tocando nesse binarismo entre homem e mulher, eu acho também interessante a gente pensar um pouco sobre a própria sexualidade e o próprio amor nesse sentido do amor sensual e da atração sexual mesmo. Esse tema costuma ser difícil de ser encarado por algumas religiões, né? Eu penso até na dificuldade da própria bíblia em relação ao Cântico dos Cânticos, por exemplo, que é um livro do antigo testamento que reúne uma série de poesias de amor e que aborda, inclusive, o desejo sexual. A gente tem até um trechinho aqui pra quem não conhece:

Cântico dos Cânticos:

Como és formosa e encantadora,
ó delicioso amor!
Teu talhe assemelha-se a uma palmeira,
e teus seios a cachos.
Eu disse: "Vou trepar pela palmeira
e agarrar-me às suas frondes".
Teus seios devem ser como racemos na cepa,
teu hálito como a fragrância das maçãs,
tua boca, como vinho generoso.

Roberto Romero:

E eu sinto que existe uma certa resistência para se falar do amor carnal, por existir essa dualidade também entre a carne e o espírito. Então eu queria que você comentasse sobre como o amor, nesse sentido da atração física inclusive, não precisa ser totalmente sufocado pela experiência religiosa.

Henrique Vieira:

Muito pelo contrário, né? A sensualidade, a sexualidade e o desejo não são enxertos na experiência humana. São próprias da experiência humana, né? Então se eu creio que Deus criou a humanidade, e percebo, constato e sinto que desejo, paixão, afeto, corporalidade constituem a experiência humana, então tudo isso é obra de Deus. Tudo isso é obra de Deus. É porque corpos castrados na sua liberdade, isso é vantajoso para hierarquias rígidas de controle. Mas quando a gente vai à Bíblia, você citou aí toda a poesia erótica de Cantares, um livro do nosso antigo testamento. Eu poderia dizer que talvez a afirmação mais importante da teologia cristã seja que em Jesus, Deus se fez homem. Ou seja, na teologia cristã Deus se encarnou. Deus assumiu a vida, o corpo, a corporalidade. O sangue, o suor, o rosto, a vida. Portanto, eu acredito muito e você coloca muito bem que a dimensão desejante é

constituente da experiência humana e deve ser vivida conforme a vontade e o desejo das pessoas.

Roberto Romero:

Perfeito pastor. E agora eu queria que a gente fosse em direção a um terreno talvez um pouco mais político e histórico. Nas últimas décadas, no Brasil, nós acompanhamos um crescimento expressivo da população que se auto-identifica como evangélica. Há inclusive previsões de que o país pode ter uma maioria evangélica até metade deste século. E eu tenho a sensação de que o fenômeno ainda é pouco ou até mal compreendido num país de tradição católica, sobretudo. Existe por parte da população um preconceito muito grande em relação aos evangélicos e eu receio que isso até favoreça o crescimento das correntes fundamentalistas que você tanto condena, na medida em que se assume que elas são as únicas que existem, talvez porque sejam também as que fazem mais barulho. E você é uma das principais vozes evangélicas hoje contra o fundamentalismo, e já falou inclusive que nós deveríamos prestar mais atenção nesse fenômeno, principalmente o neopentecostal, tentando encontrar nele também a semente de uma outra imagem da religião, baseada na solidariedade, na comunidade, por exemplo, que parecem dois elementos importantes também dessas experiências. Será que você poderia comentar mais sobre isso aqui para a gente?

Henrique Vieira:

É bastante complexo. Primeiro dizer o seguinte, o campo evangélico é extremamente plural e diverso. Então assim, entender que o campo evangélico é plural nos livra de reducionismos e generalizações que não ajudam a estabelecer diálogo e incidir na sociedade. Segunda observação: o campo evangélico é majoritariamente popular, composto por mulheres, negros, moradores das periferias e favelas do Brasil. Pessoas empobrecidas, injustiçadas, que lutam cotidianamente para sobreviver num país brutalmente desigual e violento. Terceira observação que eu quero fazer: existe um conservadorismo predominante no campo evangélico? Eu acredito que sim. Em determinadas pautas, com certeza. Mas, esse conservadorismo não é exclusivo do campo evangélico. Tem gente que acha que se você tira o campo evangélico do Brasil, nós temos uma revolução. Inevitavelmente e infelizmente, não. O conservadorismo é um fenômeno muito amplo na história do Brasil, muito antigo, muito estruturante da nossa história, do nosso passado colonial, de toda lógica colonizadora até hoje. Então é um equívoco você igualar conservadorismo com o campo evangélico no Brasil. Quarta observação: existe, tal qual você colocou na sua pergunta, segmento evangélico com muito poder: político, econômico e midiático. Portanto, com grande capacidade de reverberação das suas ideias. Na televisão aberta, nas rádios. Isso tem um potencial de massificação de uma ideia que é impressionante. Então a quarta observação é que de fato existe um ultraconservadorismo evangélico, crescente no Brasil, por dentro das estruturas de poder e que este ultraconservadorismo significa sim risco para a democracia, risco para a laicidade tão frágil do Estado, risco e violência para mulheres, negros, religiões de matrizes africanas e por aí vai. Agora, a quinta observação que eu quero fazer é que dentro do campo evangélico também tem segmentos progressistas organizados. É importante identificar que existe a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e pela democracia. Que existe o Coletivo Esperançar de Evangélicos e Direitos Humanos. Que existe a FEPLA — Frente Evangélica pela Legalização do Aborto. Que existe a EIG — Evangélicas pela Igualdade de Gênero. Que existe a coalizão evangélica pelo clima, debatendo e defendendo o meio ambiente. Que existe o MNE — Movimento Negro Evangélico. Ou seja, existem segmentos progressistas organizados

dentro desse campo evangélico multiforme, plural e popular. O que eu estou defendendo aqui é que generalizando não é o caminho. E a gente tem que perceber, esta é minha última observação, que na base da experiência evangélica tem também comunidade. Tem pessoas anônimas nessa sociedade, pessoas que pegam o trem cinco horas da manhã, que pegam ônibus lotado, que abaixam a cabeça para o patrão opressor. Pessoas que são esquecidas pela sociedade e que nessas igrejas encontram algum grau de prosperidade individual sim. Algum grau de empoderamento pessoal sim. Então existem mecanismos de empoderamento, de sociabilidade, de comunidade, que nós precisamos perceber nessa experiência evangélica popular. Acho que esse conjunto de observações que eu fiz ajuda a gente a ter uma noção da complexidade desse fenômeno. O que nos cabe? Denunciar e enfrentar o extremismo religioso evangélico, mas estabelecer diálogo com a base evangélica, porque se trata de gente trabalhadora, que luta para sobreviver, e que não pode ser só rotulada e descartada por causa dos conservadorismos que carrega.

Roberto Romero:

E eu acho que isso faz até um gancho para nossa última pergunta que é justamente sobre o papel que a religião teve em vários movimentos libertários e progressistas da história, como os movimentos por direitos civis nos Estados Unidos e a resistência à ditadura militar no Brasil, por meio das Comunidades Eclesiais de Base, por exemplo. E eu queria terminar com esse tema até para já abrir os caminhos para nossa próxima temporada, que vai girar em torno das Fabulações da Rua. Me parece que há uma urgência em retomar e disputar essa arena pública, o espaço comum, mas sem esvaziar completamente esses espaços da experiência religiosa, que eu acho que tem um pouco a ver com esse convite que você nos faz para dialogar com essas camadas evangélicas populares, por exemplo. E eu imagino que todas essas questões atravessam muito as suas preocupações, e para encerrar, eu gostaria de te ouvir mais um pouco sobre isso, sobre como podemos construir o comum também a partir da religião.

Henrique Vieira:

Pois é, eu acho que não tem como pensar a humanidade sem a experiência religiosa. A experiência religiosa pode ser alienante, mas pode ser também comunitária, pode ser também empoderadora. Pode ser também revolucionária, como tantas e tantas vezes já foi e também ainda é na história. Estava lendo hoje um livro, *Deus dos oprimidos*, mais uma vez, que fala sobre Teologia Negra. E o céu, que muita gente vê como mecanismo de escape, mecanismo alienatório. Pensar no céu... no céu... Para o povo negro, o céu sempre foi um elemento de revolução. É como se você dissesse: “olha, na Terra eu sou oprimido pela minha cor, pela minha ancestralidade, pela minha cultura, mas no Céu”, olha esse *mas no Céu*, “no céu a justiça vai triunfar. No céu a igualdade vai prevalecer. No céu a liberdade eu vou cantar”. Esse *no céu* não é escape, é empoderamento. Se no céu eu vou viver com dignidade, então eu quero trazer essa dignidade para a Terra. Se no céu, eu vou viver em justiça, então eu quero proclamar essa justiça agora. Se no céu, eu vou viver em igualdade, eu quero ser igual com meus irmãos e irmãs hoje. Eu estou apenas dando um exemplo da perspectiva do céu para o povo negro, dentro da teologia negra, como um elemento de encantamento da vida que empodera para a luta. Poderia falar das festas de terreiro, mesmo não sendo a minha religião. Mas será que as festas populares e os batuques nos terreiros não tem um elemento de subversão? De celebração, apesar da dor, apesar da injustiça, apesar da violência, nós celebramos, nós festejamos, nós cantamos, nós batucamos. Enfim, eu acredito que a religião,

quando não capturada pelo extremismo, pelo fanatismo, pelo conservadorismo, a religião pode ser um elemento de encantamento da rua. De encantamento dos encontros. De encantamento da vida. De florescimento da mente. De abertura de horizontes, de não conformismo com o pragmatismo da vida. Acredito muito nisso mesmo.

Roberto Romero:

Maravilha, Pastor Henrique. Eu também acredito muito nisso, e acho que o caminho é esse mesmo. Bom, foi super legal te receber aqui hoje e trocar essa ideia com você. Já queria te agradecer imensamente pela participação aqui no podcast.

Henrique Vieira:

Quero agradecer, muito obrigado pelo carinho, muito obrigado pela entrevista. Muito obrigado pela fábula, pela possibilidade de pensar e dialogar. Eu termino com uma citação do Eduardo Galeano quando ele fala assim: “num bar lá em Madri ele viu uma placa escrito *É proibido cantar*. E no aeroporto do Rio ele viu uma placa escrito *É proibido brincar com os carrinhos de bagagem*. Ou seja, ainda tem pessoas que cantam e ainda tem pessoas que brincam”. Eu acredito que esse é o encantamento que nós precisamos, de quem ainda desobedece ordens frívolas e frias e canta, e batuca, e brinca, e abre nos encontros da vida o encanto de estar vivo. Já que estamos intrinsecamente na beira do abismo, que na beira do abismo possamos produzir batuque, canto, poesia, brincadeira e tornar a vida melhor para todo mundo por meio da ética política-relacional-histórica da fábula do amor.

Roberto Romero

É isso pastor Henrique. Eu acho que enquanto a gente continuar cantando e produzindo beleza, a gente tem condições de continuar juntos e criando essas relações e essa ética amorosa. Bom, a nossa temporada das Fabulações do Amor termina por aqui e a gente vai se encontrar na próxima, que vai ser sobre as Fabulações da Rua.

Gabriela Moulin:

E antes da gente ir embora, que quero lembrar que de 2 a 10 de agosto a gente se encontra no Seres-Rios Festival. É um festival que o BDMG Cultural criou para pensar sobre os rios. Vai ter diálogo, live, show de música, seis artistas estão pensando projetos lindos sobre os rios, mostra de cinema e muito mais. Desde já, dá para acompanhar a programação no @seresriosfestival no Instagram.

Roberto Romero:

É isso mesmo pessoal. Inclusive eu vou estar lá, muito bem acompanhado, mediando uma das mesas. Sigam então o @seresriosfestival no Instagram e acompanhe pelas redes. Eu sou Roberto Romero.

Gabriela Moulin:

E eu sou Gabriela Moulin.

Roberto Romero:

E você escutou o podcast *É Cultura?*, uma iniciativa do BDMG Cultural em parceria com o Micrópolis.